

é um «sonho e uma brincadeira»,⁵² uma escravidão de que é preciso se libertar.⁵³ A alma está numa prisão, a do corpo.⁵⁴

«Esta prisão e estes ferros
em que minha alma está acorrentada»

«Não me retenhas mais cativa
nesses laços tão fortes,

....

«E gemerei em minha vida
enquanto ela esteja cativa

....

«Acaba pois finalmente de me deixar,
ó vida, e não me sejas mais um fardo».⁵⁵

O ser humano é um viajante que viaja «em direção a uma região longínqua» onde poderá «contemplar o que existe lá em cima»,⁵⁶ deve arriscar tudo a fim de se resgatar e retornar à «sua verdadeira pátria» e «gozar a luz do sol e tomar posse do tesouro».⁵⁷ Esta viagem no mar é um símbolo do encaminhamento do homem através da vida. E' expresso igualmente pelo tema da passagem da obscuridade para a luz, do homem adormecido para o desperto.⁵⁸

Por outro lado, vê-se claramente aparecer nos textos de Teresa o mito da caverna, que é, por excelência, um tema platônico. E' dessa maneira que as almas que não oram «são como um corpo paralítico ou paralisado, que possui pés e mãos mas não pode usá-los».⁵⁹ Nas primeiras moradas, a alma é «como uma pessoa muda e surda»,⁶⁰ progressivamente ela vai despertar e virar-se para a luz do sol. Esta influência se percebe ainda claramente em outros textos. Em relação às almas que não oram, ela escreve: «Vedes um cristão que tem as mãos atadas às costas com uma forte corrente, e está amarrado a uma estaca; ora, ele morre de fome, não porque lhe faltem víveres, pois há perto dele excelentes, mas porque não pode pegá-los para levá-los à boca, e sente extremo desgosto; vê-se a ponto de morrer e perder não somente a vida do tempo mas a da eternidade. Não seria uma crueldade atroz ficar aí olhando este homem sem levar à boca o alimento que o sustenta?»⁶¹ Esta influência platônica não deixa nenhuma dúvida, é, aliás, muito nítida em toda a «família espiritual» agos-

⁵² Vida XXXVIII-6/7.

⁵³ Camino XXX-6.

⁵⁴ Vida XXXVIII-6/7.

⁵⁵ Camino XXX-6.

⁵⁶ Moradas 2,I-3.

⁵⁷ Camino XXX-6.

⁵⁸ Poesias II (tradução livre).

⁵⁹ Vida XVI-8.

⁶⁰ Moradas 1,I-6.

⁶¹ Moradas 7,I-4.

tiniana.⁶² Isto não impede que Teresa tenha experimentado tanto as realidades do mundo exterior como as do mundo interior.

Quanto à influência dos alquimistas, esta é sentida ao nível do vocabulário de que se serve. A alma é, por exemplo, «terra» e «chumbo» e é desta matéria que o espírito deve ser separado⁶³ para retomar seu voo. Deve ser purificada pelo fogo: «Quando o fogo, escreve ela, que queima interiormente é vivo, este coração, por mais duro que seja, destila como um alambique».⁶⁴ Do mesmo modo, a necessidade de transformar ou extrair ou buscar o ouro muito precioso no seio da matéria bruta é um tema muito conhecido dos alquimistas. Encontram-se igualmente o número 7, as moradas, o castelo, como também a «conjunctio oppositorum»: terra-céu, esposa-Rei, enfim, quase todos os símbolos do Centro da literatura dos alquimistas correspondendo à última etapa na transmutação dos metais. Finalmente, encontra-se o tema da morte do fênix ou da águia que, queimados pelo sol, renascem das cinzas; tema bem conhecido da mitologia grega e nos tratados de alquimia.^{65 66}

Seguramente os romances de cavalaria que ela devorou na juventude também tiveram uma certa influência na escolha dos símbolos usados pela autora.⁶⁷ Nestes romances tratava-se, às vezes, de um famoso castelo misterioso no qual se passavam múltiplas intrigas, tal como nos contos e lendas da Idade Média.⁶⁸ Nas notas da edição crítica espanhola dos Padres Efrén de La Madre de Dios e Otger Steggink está realçado igualmente o paralelismo entre expressões teresianas e expressões de Cervantes.^{69 70}

⁶² Eis outras referências onde se sente a influência de Platão em Teresa: Vida VIII-11 e XXI-6; Relaciones I-4 e IX; Exclamaciones I,II, XIII e XV.

⁶³ Moradas 6,VI.

⁶⁴ Camino X-1.

⁶⁵ Vida XXXIX-23. Eis o texto: «Do mesmo modo que o fênix, segundo o que li, depois de queimado pelo fogo, renasce das cinzas com nova vida, assim também a alma é transformada pelo fogo divino, de onde sai com novos desejos e a coragem mais viril».

⁶⁶ Caron, N. e Hutin, S. Les alchimistes, Paris, Ed. Seuil, Coll. Le temps qui court, 1964, 187 p., p. 80.

⁶⁷ No livro de sua vida, ela conta que na juventude lia continuamente romances, e Morel Fatio levantou a hipótese segundo a qual ela mesma escrevera um romance de cavalaria. Cf. Manuscrit à la Bibliothèque de Versailles, op. cit.

⁶⁸ Buisson, Marie, na sua tese do doutorado faz uma aproximação entre a Lenda do Graal e, indiretamente, a religião céltica e a obra de Teresa: Thérèse d'Avila et le Christ, Université de Paris, 1963.

⁶⁹ Obras completas de Santa Teresa de Jesús, op. cit.

⁷⁰ «Sabemos na verdade muito pouco a respeito das leituras de Teresa. Ela começou a escrever muito tarde, somente depois de 1570, no momento em que se lançou à ação e percorria a Espanha em todas as direções para visitar e fundar mosteiros; é quando constata então que lia muito pouco. De um lado, os mosteiros nos quais se hospedava eram muito pobres e não possuíam bibliotecas bem providas, de outro lado, tinha pouco tempo para ler. Finalmente, não se deve esquecer